



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE ARTES - IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS - CEN

ÚLLIMA EDUARDA DE OLIVEIRA ARAÚJO

EXPERIÊNCIA E PEDAGOGIA TEATRAL:
RELATOS DE UMA EXPERI(VIV)ÊNCIA

BRASÍLIA - DF

2019

ÚLLIMA EDUARDA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**EXPERIÊNCIA E PEDAGOGIA TEATRAL:
RELATOS DE UMA EXPERI(VIV)ÊNCIA**

Trabalho apresentado ao Departamento de Artes Cênicas – CEN da Universidade de Brasília, como requisito parcial para conclusão de Graduação em Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Roberta Kumasaka Matsumoto

BRASÍLIA - DF

2019

ÚLLIMA EDUARDA DE OLIVEIRA ARAÚJO

**EXPERIÊNCIA E PEDAGOGIA TEATRAL:
RELATOS DE UMA EXPERI(VIV)ÊNCIA**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Curso de Licenciatura em Artes Cênicas

Data de aprovação: ___ de _____ de 20__

Banca Examinadora

Profª. Drª. Roberta Kumasaka Matsumoto
(Orientadora CEN/UnB)

Profª. Drª. Ângela Barcellos Café
(Professora CEN/UnB)

Prof. Dr. Jorge Graça Veloso
(Professor CEN/UnB)

**À todos os estudantes que saíram de casa para estudar.
Àqueles que abdicaram de estar junto de suas famílias, que deixaram o conforto de suas
casas, para realizar um sonho.
Você não está sozinho.**

AGRADECIMENTOS

À mãe natureza, pelo privilégio de ter crescido com os pés na terra vermelha, pelos incontáveis belíssimos pores-do-sol que já presenciei, por todas as flores que vi nascerem, por todas as sombras de árvores que aproveitei.

Aos meus pais, Antônio Augustinho de Araújo e Ivanilda Bento de Oliveira Araújo pelo amor incondicional, por terem acreditado em mim e arcado com todos os dispêndios durante minha trajetória na Universidade. Mas, principalmente pelo apoio emocional, psicológico, espiritual e energético.

Aos meus avós maternos, Eurípedes Bento de Oliveira, Maria Abadia de Oliveira que ainda hoje moram em zona rural do Tocantins e lutaram muito para que seus filhos estudassem, e conseqüentemente, seus netos.

À minha vó, Geni Maria Rodrigues (*in memoriam*), e seu poder de união. Que prometeu assistir CURUMIM em Goiânia, infelizmente isso não será possível, pois desencarnou antes que esse sonho se tornasse realidade. Mas tenho certeza que estará sempre presente em espírito e em pensamento.

À minha irmãzinha Yasmin Emanuelle de Oliveira Araújo, por todo o carinho e preocupação, por me dar forças para seguir meus sonhos, por ser minha companheira sempre. Meu maior e melhor presente. Espero que um dia você entenda minha ausência.

Aos familiares que se preocuparam comigo, principalmente aos primos que estiveram mais próximos nesse processo, como o Fagner, Henrique e sua esposa Danielle, Junior, Marcela e Felipe.

A todos aqueles que me ofereceram carona, seja pra Goiânia, seja saindo tarde da noite da Universidade para casa. Muito obrigada!

Às minhas companheiras de república, durante esses quatro anos de graduação: Lara Borges, Ariane Pandolfo (ou Ari), Silvana Neves (ou Sil), Raycia de Souza, Rosa de Souza, Dona Ana, Lara Elis, Camila Padovan (ou Cams), Helena Dorneles (ou Rajada), Bruna Reis (ou Bru), Jamille Freire (ou Jams). Obrigada por tornarem essa caminhada mais leve e prazerosa!

Aos meus amigos mais próximos do curso: Dara Audazi, Mar Mendonça, Octávio Vilaronga (ou Oc), Roberto de Sá, Preto Campos, Pedro Ribeiro, Bárbara Reis e Victor Hugo Leite (ou Vh). Por dividirmos tantos momentos, que ficarão pra sempre em minhas memórias.

Ao processo e à toda equipe de CURUMIM. Ao diretor e dramaturgo Pedro Guimarães, ao meu curumim Victor Souza, ao figurinista e cenógrafo Ygor Campos, aos iluminadores Octávio Vilaronga e Shirley Araújo, à produtora Júlia Mendonça, às fotografias Daniela Souza e Tita Tostes, à arte por Lucas Schwantes e todos àqueles que se emocionaram junto comigo e participaram de alguma forma. À todas as mulheres que me inspirei e que se sentiram representadas, em especial, minha querida mãe e minha tia Maria Aurenice (ou Cida).

Ao Rafael Tursi, que desde minha primeira aula na Universidade me inspira como profissional. Pela amizade que construímos e por tudo que me ensinou e continua me ensinando sempre. Por me apresentar o Projeto Pés – Teatro-Dança com Pessoas com Deficiência do qual tenho a felicidade de participar.

Aos festivais de teatro que tive a enorme oportunidade de aprender sobre produção cênica, Cometa Cenas, no Departamento de Artes Cênicas - UnB, Festival Nacional de Teatro Universitário de Brasília - CéU e ao Cena Contemporânea.

Agradeço imensamente ao Igor Passos pela paciência e pelo companheirismo nessa caminhada durante o TCC, por ser um dos meus pilares. Obrigada por ouvir minhas inquietações e por muitas vezes asserenar meu coração.

Aos professores, aos servidores, aos terceirizados da Universidade de Brasília, pelo carinho e por me acolherem tão bem.

Ao processo de mobilidade e à oportunidade de ter passado um semestre na UniRio, uma das melhores experiências da minha vida.

Aos Festivais Cometa Cenas, Cena Contemporânea e Cena Universitária pelas intensas vivências em produção.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Roberta Kumasaka Matsumoto, que tanto admiro por sua sensatez e sensibilidade. Infelizmente, não pôde estar presente pessoalmente no dia da minha defesa, mas esteve em pensamento e energia. Obrigada por cada encontro, Robs.

E por fim, aos meus alunos do estágio que tornaram este trabalho possível. Assim como a professora de estágio e à coordenação da escola.

*Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros
desaprendam a arte do vô.
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.
Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o vô.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são pássaros em vô.
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o vô, isso elas não podem fazer,
porque o vô já nasce dentro dos pássaros.
O vô não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.*

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o termo ‘experiência’, desenvolvido por Jorge Larrosa, e a pedagogia teatral que possibilite a experiência. A pesquisa segue baseada nas minhas vivências em uma escola regular de Ensino Médio, a qual mantereí o sigilo por questões éticas. A escola se localiza em Brasília, Distrito Federal, no plano piloto. Para a realização deste trabalho conto com a metáfora das minhas raízes, das árvores que nos cercam e dos pássaros em voo, inspirada em Rubem Alves. O trabalho estrutura-se em dois capítulos, com enfoque nas minhas memórias e nos meus registros. O primeiro capítulo, trata das categorias teóricas, que fundamentaram este trabalho. O segundo capítulo, refere-se à minha experi(viv)ência como estagiária na escola, durante o primeiro semestre de 2019.

Palavras-chave: Experiência; Pedagogia Teatral; Experi(viv)ência; Aprendizagem

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Paredes - p. 23

Figura 2 – Ninho - p. 29

Figura 3 – Forma de V - p. 34

SUMÁRIO

RAÍZES.....	11
ÁRVORES.....	14
O que? E quem?.....	15
Experiência.....	15
O sujeito da experiência.....	17
Experiência e educação.....	18
Memórias.....	18
Conhecimento.....	19
Espaço físico.....	21
Espaço pedagógico.....	23
Na-da.....	24
PÁSSAROS EM VOO.....	26
Professora? Eu?.....	27
A arte de voar sozinho.....	28
A arte de voar em bando.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

RAÍZES

Este trabalho procura *refletir* sobre experiência, sob uma perspectiva de Jorge Larrosa Bondía¹, na pedagogia teatral. Baseado não só pelos teóricos, mas principalmente nas minhas experi(viv)ências como professora de teatro em uma escola de ensino regular - Identificarei a escola como EEM, Escola de Ensino Médio, para proteger a identidade dos envolvidos - e no processo criativo dos alunos à partir de minhas provocações.

O interesse por essa temática surgiu a partir de uma pesquisa sobre ansiedade e teatro, a qual tive dificuldades de prosseguir neste momento, mas que desejo seguir pesquisando posteriormente à graduação. A escassez de pesquisas científicas que relacionassem o ensino do teatro aos transtornos de ansiedade em alunos e/ou professores de arte, por outro meio que não o terapêutico, me levou a refletir sobre a educação e como o teatro re-existe nesta esfera.

A minha busca pessoal por escrever algo inovador, perfeito e linear só reflete como estou embebida por este sistema capitalista no qual vivemos, nesse modo de produção que reforça esse raciocínio de competitividade (no caso, entre eu e meus próprios julgamentos), portanto, esta monografia torna-se também um desafio de escrever *aquilo que me passa*, me transforma, me faz sentir e *refletir*. Refletir no sentido etimológico da palavra que, deriva de “reflexo”, que em latim significa: RE, “outra vez, novamente”; FLEXUS, “dobrado”. Assim, “reflexão” como o processo mental em que voltamos ou “dobramos” nossos pensamentos para um assunto². Mas, tendo em vista que voltar não significa retornar exatamente ao mesmo ponto e sim, refletir sobre este mesmo ponto sob um novo olhar.

Deste modo, voltarei brevemente às minhas origens para que as “dobraduras”, ou melhor, os *desdobramentos*³ aconteçam de alguma maneira: Nasci e fui criada em Goiânia - Goiás, onde estudei toda a minha vida numa mesma escola que se localiza, ainda hoje, do outro lado da rua à casa dos meus pais. Não tive nenhuma disciplina ou professor(a) que me ligasse às artes da cena, mas tive contato com o teatro na escola de artes onde eu fazia ballet. Sou formada em Ballet Clássico e vivi intensamente dos 7 aos 12 anos de idade tudo de positivo e negativo que o ballet tinha para me oferecer, e que ainda reverberam em mim. Plié.

¹ Jorge Larrosa Bondía é professor titular de filosofia da educação na Universidade de Barcelona, Espanha.

² Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/reflexao/> (Acessado em 16 de maio de 2019, às 09:41).

³ Neste sentido, “desdobramento” se opõe ao significado de “flexus”, que é “dobrado”, porque não há o intuito de dobrar/refletir sobre minha história de vida. Apenas de tornar transparente, desmembrar, os lugares por onde passei até aqui.

Sauté. Plié.⁴ Eu que nunca havia mudado de escola, sequer de casa, aos 17 anos me vi mudando para Brasília, estudar o curso que eu realmente queria em uma das melhores universidades do Brasil. Quando digo que Artes Cênicas é um curso que eu realmente queria, na verdade quero dizer, que era um curso de meu desejo sem pressão externa, mas longe de ser o curso que meus pais gostariam que eu cursasse. De qualquer modo, minha família sempre me apoiou nas minhas escolhas... Ah, escolhas! Nos primeiros meses em Brasília era tudo absolutamente novo, no quarto ou quinto mês a minha empolgação já havia cessado e então, tive que lidar com a minha escolha de ter saído de casa. Digo isso, porque é necessário que você leitor(a) saiba do meu caminho - ou, das minhas escolhas - até aqui. Eu, que era completamente enraizada e acomodada no lugar que eu ocupava no mundo, hoje me encontro num lugar onde minhas raízes não acessam mais a terra, muito menos o concreto de Brasília⁵.

Em Brasília me descobri como mulher, fui tomando conhecimento do meu lugar de fala e de como o mundo é regido pelo patriarcado, pelo machismo, pelo colonialismo e pelo capitalismo (SANTOS, 2009); descobri que tenho voz e opiniões (e como elas mudaram e continuam em constante mudança!); descobri que as roupas não se lavavam sozinhas e que eu mesma secaria minhas lágrimas; descobri que não sou branca e que eu não me encaixo em nenhuma etnia, mas em várias; descobri que era possível viver apenas de teatro. E aqui me reconheci como feminista, livre, mas também como ansiosa e compulsiva; aqui me tornei mais egoísta e individualista, ao mesmo tempo que me reconheci mais esquerdista, ideologicamente. Me perdi e me encontrei diversas vezes... E foi aqui onde me apaixonei pela arte-educação.

Paradoxos. Experimentei e experienciei⁶.

Levarei muitos encontros comigo, entre professores, colegas de turma, amigos de turma, servidores, terceirizados, autores, artistas, peças teatrais, textos, músicas, obras, e muitos desses encontros proporcionados pela minha orientadora. Meu primeiro encontro com Roberta Kumasaka Matsumoto⁷ (ou Robs), aconteceu ainda no primeiro ano da graduação, na disciplina de Teorias e Processos Criativos para a Cena (TPCC). Experiência, antes mesmo de

⁴ Sauté é um passo de balé e significa saltar. Para que o salto aconteça é necessário fazer um plié antes e após o salto, que nada mais é do que dobrar os joelhos.

⁵ Minhas raízes transformaram-se em rizomas, hoje sou múltipla, ramificada.

⁶ Analogia aos conceitos de *experimento* e *experiência*, respectivamente, descritos por Larrosa em “Notas sobre experiência e o saber da experiência” (2014)

⁷ Graduada em Comunicação Social Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra e doutora em Cinema, Télévision et Audiovisuel pela Université Paris X - Nanterre. Atualmente é professora na Universidade de Brasília.

ser. Entre tantos encontros, foi ali que conheci Larrosa e seu conceito sobre a experiência, ressignificando toda a minha existência. E por esses dois, minha orientadora e Larrosa, segui acompanhada dentro e fora da academia até aqui, no meu TCC. Não tenho dúvidas que eles me acompanharão por onde eu for.

A premissa desta monografia é discutirmos os desafios e as impossibilidades da experiência, assim como as suas possibilidades a partir da pedagogia teatral, fundamentado na minha experi(viv)ência. Para isso, é necessário esclarecer por onde a escrita caminhará:

O primeiro capítulo **ÁRVORES** debruço-me sobre experiência, pelos sujeitos da experiência e também pelo espaço educacional: refletindo a respeito do conhecimento, do espaço físico das instituições de ensino e por fim, do espaço pedagógico.

O segundo capítulo **PÁSSAROS EM VOO** volta-se para a pedagogia teatral no ambiente escolar. Nele apresentarei alguns relatos e alguns registros da minha experi(viv)ência em sala de aula e na oficina, ou melhor, no projeto que ministrei dentro da escola onde fui estagiária.

Inspirada em Rubem Alves⁸ e no seu poema que se encontra na minha epígrafe, construí uma metáfora em torno das minhas *raízes*, das instituições, ou melhor, dos convívios sociais que são como *árvores* e dos *pássaros em voo*, aqueles que se encontram em uma instituição de ensino e em contato com a sociedade e com os mundos que nela existem.

⁸ Rubem Azevedo Alves foi professor da UNICAMP, psicanalista, teólogo, escritor e um dos principais pedagogos brasileiros.

ÁRVORES

Amo aqueles que plantam árvores mesmo sabendo que
nunca se sentarão em sua sombra.
Plantam árvores para dar sombras e frutos para aqueles
que ainda não nasceram.
Rubem Alves

Queridos(as) leitores(as), neste capítulo abordaremos as árvores. Elas são compostas por raízes, caules e folhas; podendo ter flores e frutos, ou não. São essenciais para a vida dos pássaros, e de todos os outros seres, pois são nas árvores onde eles constroem seus ninhos, se alimentam de frutos, insetos, sementes... e atraem seus parceiros. Do mesmo modo, os pássaros são também essenciais para a vida das árvores: semeando e garantindo a sobrevivência das plantas.

Pois bem, geralmente, o primeiro contato do indivíduo em sociedade se dá no ambiente familiar e o segundo provavelmente é em alguma instituição de ensino. De qualquer modo, seja no ambiente familiar, nas instituições ou ocupando algum lugar deste mundo, o indivíduo está sujeito à socialização. Sendo assim, as instituições e a sociedade também tem uma relação mútua: são essenciais para a existência uma da outra. Neste caso, a instituição à qual eu me refiro são as instituições de ensino, mais especificamente escolas de ensino regular. Mas, antes de entrarmos na questão pedagógica e estrutural, gostaria de introduzir os pensamentos de Jorge Larrosa para estreitar o que podemos entender sobre a palavra “experiência”, já que para ele, conceituá-la não é possível; e como podemos relacioná-la à pedagogia teatral nas escolas.

Existem outros teóricos que trabalharam com a palavra “experiência”, como: Michel Foucault, John Dewey, Paulo Freire, Ana Mae, entre outros. Eu me identifico com a de Jorge Larrosa, que por sua vez se baseou em Walter Benjamin. A minha escolha por Larrosa se dá na subjetividade desenvolvida em torno da experiência, de forma sensível, particular e na potência transformadora; e não como algo concreto e controlável. Se assim fosse, cairíamos novamente no sentido banalizado de experiência, como algo elaborável, procurável, como um fetiche. Creio que experiência vai muito além... Pois, então, vamos à pesquisa:

O que? E quem?

Experiência

Experiência é um termo bastante citado neste trabalho, baseado nas escritas de Jorge Larrosa, como foi dito anteriormente. Mas o que é, então, experiência? O autor expõe em sua obra *Tremores*, a dificuldade de definir a palavra:

A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida. E tampouco é um conceito, uma ideia clara e distinta. A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. (LARROSA, 2014, p. 10)

E mais à frente, completa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2014, p. 18).

A partir disso, Larrosa prefere desenvolver experiência fundamentando o que *não* é experiência, já que defini-la não é uma tarefa fácil ou sequer seja possível. Talvez, o mais perto que possamos chegar de uma definição, no esteio de Larrossa (2011, 2014), é a frase “aquilo que me passa”, onde tentaremos desenvolver o que pode ser *aquilo*, que *me* - quem sou, ou quem é o sujeito da experiência - *passa, me atravessa* - atravessa um lugar desconhecido e perigoso, que me transforma. Ademais, são tentativas de explicar o que é inexplicável. Não apegue-se a esta ou aquela “definição”, mas aos sentidos ou não-sentidos do que pode se desenvolver sobre experiência.

Como Larrosa (2014) introduz na segunda citação, o excesso de informação nos impossibilita que a experiência nos aconteça, e é algo que cresce diariamente no sistema em que vivemos. Já não somos capazes de processar a quantidade de informações que recebemos a todo momento, quem dirá ter experiências. Uma sociedade que prioriza a informação se distancia de uma sociedade onde a experiência seja possível.

Conseqüentemente ao excesso de informação, observa-se o excesso de opiniões, que também bloqueiam as possibilidades de experiência. Das mesmas fábricas das quais saem os meios de comunicação, fabricam-se as informações e os formadores de opiniões. É um sistema cíclico: precisamos estar sempre informados e também decidir se somos contra ou a favor dessas informações, e ainda expô-las nos mesmos meios de comunicação. E assim reforçamos o pensamento dicotômico presente na sociedade - ou é isto ou aquilo -, onde não há um ponto de equilíbrio, não há espaço para as incertezas.

E o tempo? Ah, o tempo! “Sem tempo, irmão!” é o novo meme⁹. A falta de tempo é outro obstáculo, apontado por Larrosa (2011, 2014) que impossibilita a experiência. Tempo é dinheiro, é produção, é capital. O mundo gira num ritmo de produção, produção de informações, de opiniões em demasiada quantidade no menor tempo possível. O tempo ocioso é criminalizado por ser considerado inútil¹⁰. O sujeito não respira, não processa, não reflete, não memoriza, não silencia. Como a experiência pode (nos) acontecer nessas circunstâncias? O tempo do mundo em que vivemos hoje - seja na atualidade, na modernidade, na pós-modernidade, na contemporaneidade, ou qualquer outro termo que entre na discussão da era em que vivemos - impede que haja conexão entre os acontecimentos e desta maneira não desfrutamos da experiência.

Está acompanhando, querido(a) leitor(a)?

O excesso de trabalho é o quarto ponto - posteriormente ao excesso de informação, ao excesso de opinião e à falta de tempo - que impossibilita, segundo Larrosa (2011, 2014), que a experiência aconteça. A ideia de ter “experiências” no currículo de trabalho segue contrária à ideia que estamos construindo sobre a palavra *experiência*, e ainda dificulta a compreensão da mesma, pois agrega um valor comercial, quantitativo e classificatório. Ou seja, o sujeito que trabalha busca cada vez mais “experiências” a fim de que seu currículo seja mais valorizado e que alcance uma classificação superior à dos outros trabalhadores - seguindo a lógica capitalista de competitividade, de automatização do corpo e do movimento do corpo e categorizando este ou aquele saber como mais importante do que os outros saberes - saber entendido não em seu sentido próprio de sabedoria, mas simplesmente como acúmulo de

⁹ Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc. que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Não tenho dúvidas que, ao ler isto, já existirão outros milhões de novos memes.

¹⁰ Qual o valor das inutilidades?

informação (LARROSA, 2014, p. 19). Então, por sua vez, esta “experiência” curricular, não nos interessa. Não é a essa experiência que nos referimos.

Então, que *experiência* é essa?

Vamos lá, retomando novamente ao significado da palavra ‘experiência’, gostaria de acrescentar também uma possível definição etimológica que Larrosa traz (2014, p. 26) que pode ajudar você, caro(a) leitor(a), a processá-la: tem sua origem no termo latino *experiri* que traz como sentido provar, experimentar e no qual o EX significa um espaço indeterminado derivando de exterior, de exílio, de existência, de estrangeiro e estranho¹¹; e o PERIRI de perigo, atravessar algo, travessia. Portanto, experiência também tem sentido de atravessar por um caminho indeterminado e perigoso, explica Larrosa (2014, p. 26), justamente por não saber expressar que lugar é este onde a experiência (nos) acontece. É uma abertura ao desconhecido, e claro: é única, irrepitível, particular e individual. *Aquilo que me passa*.

Você que me lê, você consegue pensar em algum momento da sua vida que algo te atravessou, te transformou a tal ponto que não dá para descrever? Que só de recordar seus olhos enchem de água? Escreva aqui:

Sim? Não? Infelizmente, querido(a) leitor(a), não posso te informar se você teve ou não uma experiência. É importante enfatizar: todas as experiências que uma pessoa pode passar são únicas, irrepitíveis, particulares, individuais e intransferíveis. Caso ainda não tenha ficado claro, releia até aqui, refletindo e se desdobrando sobre suas memórias. Garanto que será outra leitura.

O sujeito da experiência

O sujeito da experiência, para Larrosa (2011, 2014), não é aquele que se identifica como sujeito da informação, da opinião, da falta de tempo e do excesso de trabalho. E sim, aquele que se permite estar disponível à experiência, que está receptivo aos acontecimentos e

¹¹ Que em espanhol escrevem-se *extranjero* e *extraño* (2014, p. 27)

que é paciente para que isso - essa paixão - lhe atravessasse, lhe transforme. É aquele que suspende a vontade, o juízo, a razão, a opinião, a automatização para **cultivar a arte do encontro**. É aquele que se cala, que silencia, que é passional, e que se permite parar para olhar, escutar, sentir, pensar. É aquele que se expõe aos perigos/aos riscos de um território desconhecido, é aquele que existe(!); que expõe o que sente, suas paixões, suas inseguranças, seus sofrimentos.

Experiência e educação

Quando pensamos em educação, fazemos várias associações. Penso em ensino e aprendizagem, ‘quem ensina e quem aprende?’, no conhecimento, na memória, no espaço físico da escola, no que significa ‘ser educado’, nas regras, nos livros, nas atividades para casa, no corpo quieto e sentado por horas numa cadeira, no caderno organizado, no calo que tenho no dedo por tanto copiar, nas coisas interessantes que aprendi na aula de biologia, no conteúdo do vestibular, numa criança sendo alfabetizada etc. Um fluxo de pensamentos que movimentam minhas memórias. Se pensarmos na correlação de experiência e educação, ou melhor, a experiência **na** educação, é possível imaginar uma educação mais libertadora, que construa boas memórias e propiciem mais possibilidades de experiência.

Memórias

Sem memória não seria possível aprender, nem gozar do conhecimento. Não nos reconheceríamos como indivíduos, nem mesmo teríamos uma linguagem. Arrisco em dizer, caro(a) leitora(a), que memórias compõe quem somos. Tudo que somos são frutos das nossas vivências. A memória perpassa a temporalidade do passado, presente e futuro, melhor colocado por Janaína Amado:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro (AMADO, 1995, p. 132).

Ou seja, sem memória a experiência não seria possível. Assim como, os *relatos* e a sua potência em intercambiar as experiências. Para Benjamin (1994), a experiência se elabora por meio dos relatos e deste modo é possível intercambiar experiências com outras pessoas,

inclusive é possível que a experiência nos aconteça ouvindo ou lendo um relato. Por isso, a importância de nós, professores, ter uma escuta atenta e sensível dentro da sala de aula. Mas, como disse anteriormente, a experiência é intransferível, não é possível se apropriar da experiência alheia.

Juntamente com a memória, o esquecimento. O esquecimento faz parte do fluxo da memória, é parte da memória, é importante no processo de vivência para que não fiquemos aprisionados ao passado (RAMALDES e CAMARGO, 2017, p. 78).

Então, a partir de memórias, somos seres capazes de aprender e produzir conhecimento. Mas de quais conhecimentos estamos falando?

Conhecimento

Segundo Larrosa (2014), ciência e tecnologia somam o que entendemos hoje como *conhecimento*, no sentido generalista e elitista de ‘conhecimento’ - ou seja, outro termo, assim como ‘experiência’, distorcido - com seus critérios de validade e seus objetivos, de uma maneira universal que está presente fora de nós, que podemos nos apropriar, utilizá-lo, e que, infelizmente, encontra-se a serviço do sistema capitalista. Segundo Larrosa, o conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro (2014, p. 31). A ciência moderna converteu a experiência em *experimento*, tentando criar metodologias para que algo nos aconteça. Fazendo nascer, assim, a ciência experimental, mas esta também permanece fora de nós, não nos atravessa, não nos transforma, não é experiência, ou, pode vir a ser para alguém, para o próprio pesquisador, por exemplo, mas inicialmente é experimento.

Jean-François Lyotard¹² vai dizer que

O armazenamento e transmissão das informações trazem ao saber certa independência em relação ao seu sabedor, o que possibilita a comercialização do conhecimento. O conhecimento ganha caráter de mercadoria, podendo ser comprado e vendido, tornando-se a base do poder na sociedade pós-industrial (1998, p. 29).

É interessante como Lyotard menciona sobre o armazenamento e transmissão das informações, pois correlaciona-se com o que Larrosa chama de “sociedade de informação”. Ainda em Tremores (2014), Larrosa menciona que a “sociedade de informação” trata as

¹² Jean-François Lyotard importante filósofo francês conhecido, sobretudo, por seus estudos sobre o conceito de pós-modernidade.

informações como conhecimento, onde ter conhecimento não seria nada além de adquirir estas informações e fabricar opiniões. Essa definição de conhecimento diferencia-se, então, de experiência.

A questão é: o conhecimento por si só não facilita para que a experiência (nos) aconteça, porque a mesma não pode ser produzida. Mas, quando desconstruímos essa idéia deturpada sobre o termo ‘conhecimento’ podemos acessar outros lugares onde a experiência seja possível. Não sabemos o que preenche o ponto cego - ou território indefinido - onde algo (nos) acontece porque não depende de nós para que (nos) aconteça, não depende do que conhecemos ou do que sabemos/do quanto estamos informados. Mas, depende da atenção que damos aos encontros. Se nos colocamos como sujeitos da experiência, se paramos para olhar, sentir, escutar, calar; se suspendemos as nossas opiniões, nossos juízos, nossas vontades, nosso automatismo; devagar, bem devagar, lento, paciente, passivo e atento. Mas veja, *se...* o *se* por si só é um desafio. Não significa uma garantia para que a experiência nos aconteça, ainda que nos abra para a possibilidade.

Antes, eu via as instituições educacionais - escolas, centros de ensino, faculdades, universidades - como fontes de conhecimento. Como se houvesse apenas um único conhecimento válido, pronto para ser transmitido e ensinado para mim e para aqueles que, assim como eu, sentiam/sentem dificuldades de reconhecer os conhecimentos que habitam suas próprias memórias, seu próprio corpo. Logo, para que a experiência seja uma possibilidade no espaço pedagógico, é necessário que sejamos aptos à memorizar nossas vivências e de ressignificá-las como conhecimento.

Como Ângela Barcellos Café coloca no artigo *‘Para uma realidade complexa, que ensino de artes?’*, correlacionando ao conhecimento, o intercâmbio de experiências no ambiente pedagógico, trocar experiências é aprender com o outro, é um modo produzir outros conhecimentos. Neste caso, possibilitado pela pedagogia teatral.

Infelizmente muitas escolas ainda tem uma visão de que o aluno é alguém que não sabe e tem muito a aprender com um professor que sabe tudo, colocando o professor como dono de uma verdade, um modelo a ser seguido e repetido. Este modelo faz parte de uma educação alienada, onde o aluno não precisa aprender a pensar por si só, o mundo do tudo pronto já oferece os conhecimentos como se fosse possível em sua “completude”. Essa prática, que permaneceu por muitos anos no cotidiano da escola, é hoje questionada a fim de desconsiderar que o aluno, ao chegar à escola, traz consigo uma experiência que o diferencia das outras crianças, mas que, ao mesmo tempo, as aproxima, quando lhes é dada a oportunidade da troca de experiências. À liberdade permitida ou provocada pelo teatro (ou pelo jogo teatral)

contrapõe-se a uma visão de uma educação tradicional, que acredita na aprendizagem pela repetição, infelizmente ainda presente na maioria das escolas (CAFÉ, 2011, p. 2-3)

Trazendo uma concepção diferente de Larrosa do que seria a experiência, ela expõe de forma clara a necessidade de pensarmos e colocarmos em prática uma outra perspectiva sobre os processos de aprendizagem, que podemos também alinhar com o que aponta Virginia Kastrup (2001, p. 18) sobre o papel do educador como um mediador do processo de “aprender a aprender” e o campo da arte como um campo propício para tal processo.

Torço, querido(a) leitor(a), que um dia, essa tal de educação transformadora, por meio do teatro ou por outras formas, se potencialize na prática e ganhe o valor necessário para se tornar efetiva no cotidiano escolar. Onde tenhamos uma educação humanizada, e não robótica, repetitiva; que as memórias ocupem o lugar da decoreba e que a vertente do conhecimento se horizontalize.

Assim, chegamos às paredes e grades que ainda hoje são bastantes presentes nos espaços físicos da escola...

Espaço físico

Segundo Larrosa ainda em *Tremores*, quanto mais verticalizadas as instituições se tornam, mais se fecham como *muros*, obstáculos, barreiras, fronteiras... pois,

São muros a metafísica, a ciência, a moral, a política, a religião, a arte e as formas consensuais da linguagem. Em geral, nos impede de ver o outro lado, transpassar o âmbito do conhecido e aprender novas formas de viver, de pensar e de nos relacionarmos. E, o que é pior, nos fazem esquecer que alguma vez os construímos (LARROSA, 2014, p. 109).

Não apenas os muros físicos, que cercam as escolas como cárcere, mas muros epistemológicos e abissais, como nos chama a atenção Boaventura de Sousa Santos (2009), que segrega os saberes e aliena, que nos impede e nos impossibilita de aprender novas formas de viver, pensar e relacionar. Consequentemente, as escolas que ainda optam por seguir uma rigidez construída décadas atrás nos impedem de sermos sujeitos da experiência porque impede que sejamos quem realmente somos neste espaço, por falta de experiências no campo pedagógico.

Ao pensarmos na escola e no tempo, percebe-se que os jovens passam cada vez mais tempo nas escolas, concentrados em solucionar problemas, dentre os quais a própria pressão

social de ingressar numa universidade. Isso vai na contra mão do que é proposto por Virginia Kastrup (2001, 2012) como aprendizagem inventiva: aprendizagem que se dá a partir das problematizações, ou seja, aprender a criar problemas, e ao criá-los, inventar a si e o(s) mundo(s). Os alunos estão cada vez mais acelerados e ansiosos, seguindo a lógica do excesso de trabalho: os trabalhadores, neste caso estudantes, não param para olhar, sentir, refletir, processar, para respirar. A escola, de modo geral, foi se caracterizando também em uma fábrica, que produz e reproduz sujeitos informados e formadores de opiniões, acelerados, incapazes de reconhecerem e validarem suas vivências, suas memórias, seu corpo como campo de conhecimento, deixando de ser assim um espaço que possibilite a experiência.

O artigo *O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica*, de Helena de Araújo Freres, Jackline Rabelo e Maria das Dores Mendes Segundo, apresenta uma nova função para a educação: a de reprodução dos seres cujas objetivações precisam ser universalizadas para todos os indivíduos. E, além de repassar o saber historicamente acumulado pelos homens, atua na subjetividade, influenciando os indivíduos para agirem desta ou daquela maneira. E ainda, as autoras completam: a educação foi fundada pelo trabalho como uma atividade fundamental no processo de reprodução social, voltada para atender às necessidades do capital em seu processo de expansão e acumulação ampliada (FRERES et al., 2013, p. 3).

Querido(a) leitor(a), uma breve pausa, até aqui escrevi de um modo generalista e até negativista ao falar sobre os sujeitos no mundo contemporâneo e suas impossibilidades de experiência, e coincidentemente até agora, mencionei apenas a parte teórica da minha pesquisa. A visão macropolítica, que me interessa muito, já não supera a vontade de relatar minhas experi(viv)ências numa esfera micropolítica. Sendo assim, espero que minha escrita fique mais leve e mais positiva daqui em diante.

Contudo, o espaço escolar não se resume a paredes e grades, certo? Há escolas e escolas. Pude acompanhar três professores de Artes, em três escolas públicas¹³ desde que cheguei em Brasília. E a cada dia me surpreendo mais e mais com as escolas do DF, porque ainda é tudo novo para mim, muito diferente do que vivenciei como aluna. O espaço para as aulas de teatro sempre foram limitados, mas nunca impossibilitaram que as aulas acontecessem. No pátio, nas quadras esportivas, na grama embaixo das árvores e na própria

¹³ Uma das escolas se localiza no Paranoá, outra em Sobradinho I, e a terceira, que aprofundo no segundo capítulo, na Asa Norte. Em todas elas, permaneci durante um semestre trabalhando com turmas de ensino médio, do 1º ao 3º ano.

sala de aula, o teatro é flexível, se adequa e re-existe. Na EEM onde fiz meu último estágio, estive em contato com o 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, a escola se localiza na Asa Norte - DF, sendo que a maioria dos estudantes residem nas cidades satélites e não no Plano Piloto.

E que por mais os alunos tenham o perfil típico de adolescentes, conversarem bastante em sala de aula, por exemplo, são alunos bastantes politizados. Nas paredes da escola eu via cores, críticas sociais, cartazes divulgando rodas de conversas sobre a negritude, posicionamentos em prol das minorias, desenhos, eu via arte em cada canto... E com o olhar micropolítico, creio que seja possível ressignificar o mundo que vivemos hoje, com tantas impossibilidades, e transformá-lo.



Figura 1 - *Parede*, cartaz fixado na parede da EEM pelo grêmio estudantil, na semana contra a LGBTfobia. Brasília - DF, junho de 2019.

Foto: Úlli de Oliveira¹⁴

Espaço pedagógico

Dentro do ambiente escolar, a disciplina de Artes é conhecida por subverter o sistema, assim como a Filosofia e Sociologia, por trazerem questões que podem não ser discutidas em outras disciplinas. Mas em especial, a arte é mencionada por Larrosa, em seu prólogo, por se

¹⁴ Úlli de Oliveira é meu nome artístico.

aproximar da experiência: “[...] pensar a educação a partir das experiências a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou prática”. A experiência é uma “categoria vazia, livre” assim como as artes (LARROSA, 2014, p. 12), sendo o vazio e livre como algo aberto ao novo, ao desconhecido. Caminho, assim, pela possibilidade de oferecer aos meus alunos um encontro mais leve, valorizando os respiros na rotina acelerada que eles vivem dentro e fora da escola.

O desafio do teatro ou da arte-educação é trabalhar nossa identidade, “quem somos?” e as dúvidas que essa pergunta carrega, e aos poucos conseguir nos apropriar de nós mesmos, das nossas experiências, das nossas memórias e vivências com a finalidade de encontrar sentido em nossas existências. Nos tornando capazes de reconhecer o nosso papel perante a sociedade, exercendo nossa liberdade e nossa autonomia como cidadãos. Já dizia Paulo Freire: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (1987, p. 29). Assim, o que na teoria é considerado um espaço “prisional” numa visão macropolítica, ganha seu valor pedagógico e transformador se olharmos mais de perto do ponto de vista da micropolítica. E na micropolítica é possível observar coletivos capazes de transformar suas realidades, (re)aproximando da possibilidade de experiência.

Na – da

No início do subitem “experiência e educação” grifei a preposição ‘na’, e para finalizar este capítulo, gostaria de falar sobre o porquê de enfatizar esta escolha.

Quando escolhi falar sobre experiência e pedagogia teatral, me questioneei à respeito das preposições possíveis do tema. Experiência da pedagogia teatral, experiência na pedagogia teatral, entre outros. Escolhi experiência e pedagogia teatral, justamente na intenção de englobar as várias possibilidades que existem a cerca do tema. Numa perspectiva de Larrosa, ao abordar sobre “experiência da pedagogia” seria uma contradição e tanta, uma vez que a experiência não é algo que possa ser feito intencionalmente, muito menos restringir a experiência à pedagogia. Neste caso, a experiência no ambiente escolar se tornaria experimental e novamente cairíamos na banalização/ nas impossibilidades da experiência.

Experiência na pedagogia teatral é mais confortável por não carregar um sentido de propriedade. É apenas uma especificação, é possível que a experiência (nos) aconteça no ambiente escolar e à partir da pedagogia teatral. Caso haja abertura para tal, procurando fugir das impossibilidades da experiência. Cabe ao arte-educador propor, estimular, incentivar,

provocar, abrir espaço seus alunos para que estes se coloquem como sujeitos da experiência. Sem descredibilizar o 'experimental', creio que seja válido se propor ao novo, mas lembrando sempre que a experiência, por Larrosa, vai muito além, caro(a) leitor(a).

PÁSSAROS EM VOO

“Se eu prender o Pássaro Encantado numa gaiola, ele nunca mais partirá, e seremos felizes, sem fim...”

E foi isso que ela fez.

Mas aconteceu o que ela não imaginava: o Pássaro perdeu o encanto. A Menina não sabia que, para ser encantado, o Pássaro precisava voar...

Rubem Alves

Anteriormente havia dito que identifiquei como pássaros aqueles que estão inseridos nas instituições de ensino, assim sendo, também sou pássaro.

Reconheço meu lugar de privilégio por estudar toda minha vida em colégio particular, por ter uma família estruturada e por ter uma renda familiar que permitisse que eu me dedicasse exclusivamente aos estudos. Eu não tinha ideia de como era o cotidiano em uma escola pública e fui descobrir isso apenas no 5º semestre do curso de licenciatura em Artes Cênicas, a partir de pesquisas de campo para a realização de um trabalho final na disciplina de Psicologia e Educação. Em 2018, estive de mobilidade¹⁵ no Rio de Janeiro - na UniRio, durante o primeiro semestre. Estar em outro estado foi muito importante para a minha formação. Percebi o quanto aproveitei muito mal este tempo em que residi em Brasília. Até a disciplina de Estágio Supervisionado 1, eu mal havia conhecido as cidades satélites do Distrito Federal. Para tal disciplina coloquei como meta realizar estágio em uma cidade satélite para sair do Plano Piloto e, dessa forma, abrir os horizontes e conhecer outra face da Capital Federal. Assim foi, Estágio 1 - que tem como objetivo a observação. Pela primeira vez, encarei uma jornada de transporte público nos horários de pico, mesmo que somente uma vez por semana. Meu estágio foi concluído, com sucesso e com muita satisfação, em Sobradinho I.

Chegando à disciplina de Estágio Supervisionado 2, a logística da minha rotina mudou com a chegada da monografia, além das ameaças de corte dos passes estudantis. Assim, optei por uma escola perto de casa. Visitei várias e fui rejeitada, até ser recebida na EEM, literalmente, de braços abertos. Apesar da escola se localizar no Plano Piloto, os alunos que tive contato residiam nas cidades satélites, uma das características das escolas públicas do DF.

¹⁵ Processo em que estudantes de universidades públicas estudam em qualquer outra universidade pública do país durante um período ou dois.

Lá me deparei com novos desafios: a professora de Artes era formada em Artes Visuais e não lecionava Artes Cênicas e/ou Música e, desta vez, o objetivo do estágio era ministrar aulas.

Senti-me bastante despreparada no início, incapaz de planejar uma aula e aplicá-la. Senti medo da recepção dos alunos, se eles estariam abertos às minhas propostas e das brincadeiras que fariam comigo. Nas noites anteriores às aulas tive dificuldades para dormir. Coloquei-me, à priori, no papel de observar novamente. Aos poucos, fui conhecendo os alunos e me sentindo mais à vontade e confortável de estar na frente deles. Planejava exercícios relacionados ao conteúdo de Artes Visuais e aplicava-os, os alunos propunham e compravam minhas ideias. No fim deste ciclo, o único sentimento que me restou foi de gratidão.

Voei.

É importante, querido(a) leitor(a), mencionar que os alunos não serão identificados com seus verdadeiros nomes por uma questão ética, deste modo, os identificarei por codinomes de pássaros.

Professora? Eu?

Há quatro anos, era eu quem estava sentada numa cadeira, olhando para meus professores do Ensino Médio. Hoje, tenho outro ponto de vista: sou eu quem olho para uma sala com uma média de quarenta cadeiras e vários olhos me devolvem o olhar. “Será que quatro anos me capacitaram o suficiente para ocupar este lugar à frente?”, perguntei para Ângela Café, uma professora super querida de licenciatura no curso. Ela me fez recordar que as relações pedagógicas são, ou deveriam ser, horizontais e sinceras. Assim, passei então a ser sincera com meus alunos, funcionou.

Em meio a todas as minhas inseguranças, fui convidada para dar uma oficina de teatro na EEM. Aceitei. A oficina foi realizada no período vespertino, com 9 educandos, estes compareciam após o horário das aulas regulares, toda segunda e quarta. A oficina se iniciou no segundo bimestre do ano letivo, tendo, ao todo, nove encontros. Cada encontro tinha duração de uma hora e meia, iniciávamos às 13h30min e terminávamos às 15h. Todas as aulas foram registradas num caderninho da turma, sendo que cada dia foi registrado por uma pessoa diferente. Registraram as aulas, os exercícios, as percepções individuais e/ou coletivas e

também da professora. Uma ótima devolutiva, me ajudando a entender quais exercícios funcionavam melhor e qual seria o planejamento das próximas aulas.

Com base na sinceridade encontrei a liberdade que precisava para me reconhecer professora e, principalmente, estabelecer uma conexão com meus alunos. Conseguimos partilhar histórias e criar vínculos, a partir da escuta atenta e sensível de todos os envolvidos. E a partir desta experiência, percebi que para me sentir autêntica no meu trabalho – seja ministrando aulas de teatro ou nos palcos – eu preciso ser sincera, franca, mostrar-me crua, como verdadeiramente sou. E mais, caro leitor, somente desta forma conseguirei terminar esta monografia e este curso. A pedagogia teatral pede sinceridade (e bom senso!).

A arte de voar sozinho

Sempre tive interesse em dar aulas para o Ensino Médio, apesar das dificuldades - principalmente com a luta contínua para o ensino específico de Artes Cênicas, causada pela naturalização da generalização do arte-educador - o Ensino Médio me encanta muito. Um ‘encantar’ não no sentido de estar enfeitiçada ao ponto de não perceber as problemáticas dessa fase da adolescência, da estrutura falha do ensino, dos recursos etc., mas, no sentido de me sentir cativada pelo reconhecimento do sujeito no mundo, pela possibilidade de agir efetivamente em prol de algo e também por me sentir instigada pelos alunos dessa faixa etária.

Enfim, lidando com adolescentes sei que posso exigir certas responsabilidades e exercitar a capacidade deles escolherem, ou seja, a autonomia - que muitas vezes não foi exercitado nas séries anteriores. Sendo assim, não cobre presença na oficina; eles não eram obrigados a estar ali, então a presença deles significava muito, porque só por estarem ali eu já sabia que havia vontade de estar junto comigo. Diferentemente das aulas regulares, na disciplina de Artes, por exemplo, eram bem complicadas, a situação que eu observava era: aqueles que não estavam interessados em participar das aulas sempre atrapalhavam a minoria que estava, esses realizavam o necessário para conseguirem ser aprovados. Mas, na oficina - uma atividade extracurricular -, 9 alunos se mantiveram frequentes dentre os 14 que assinaram a lista no decorrer do processo. Foi válido, todos aqueles que passaram por essa vivência deixaram um pouco de si.

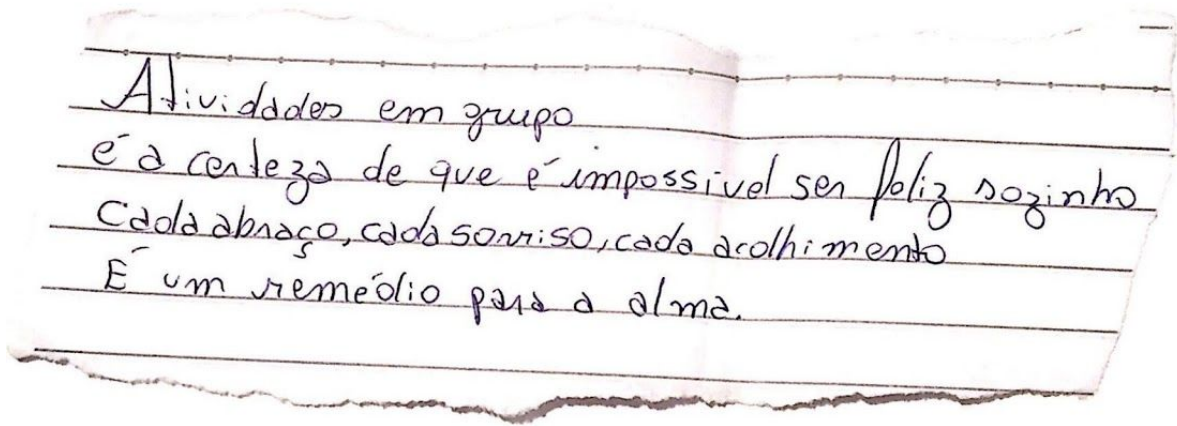


Figura 2 - *Ninho*, bilhete escrito por Andorinha durante a oficina de teatro na EEM. Brasília - DF, junho de 2019.
Foto: Úlli de Oliveira

Juntos estabelecemos o que seria necessário para que o processo acontecesse: Em primeiro lugar, *confiança*, em mim para explorarem aquilo que eu estava propondo, nos colegas (que na maioria nunca haviam trocado uma palavra), e em si próprio, confiar na capacidade criativa-sensitiva de si; em segundo, *presença*, tanto no sentido de frequentarem as aulas, sem que eu fizesse um controle, como principalmente durante as aulas, que estivessem ali de corpo e alma, sendo sinceros nos exercícios, com total liberdade para não realizá-los caso não quisessem; em terceiro, *diálogo* e, em quarto, *autonomia*. Lembrando que regras, ou acordos, não limitam a liberdade, e sim, prepara o terreno para que a liberdade seja possível.

A arte de voar sozinho é o exercício da autonomia. E inspirada em Paulo Freire (1996), busco valorizar a liberdade de cada um, inclusive a minha, respeito a minha liberdade de me descobrir professora. E é gostoso me encontrar pedagogicamente dentro da cena, de pés descalços, coração sereno e olhar atento. É gostoso observar o outro se encontrando na cena. Porque, por mais que eu não saiba descrever precisamente a professora que existe em mim ou a professora que desejo um dia me tornar, eu sei exatamente que tipo de professora eu não quero ser. Não me interessa ser uma professora

que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosa e presente à experiência formadora do educando, transgride os

princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 1996, p. 25).

Um dos maiores medos que tenho nesse trilhar pedagógico, é esquecer, um dia, que também fui aluna. E que, na verdade, nunca deixarei de ser aluna; que eu mantenha sempre lúcida a ideia que meu eu-professora não irá se desassociar do eu-aluna. Pois, não me interessa conquistar uma hierarquia no ambiente escolar, e dessa maneira, dificultar a construção da autonomia dos meus alunos. Esta que acontece de modo geral tardia, chegando ao Ensino Médio, sendo diversas vezes entendida como rebeldia nessa faixa etária. Muito pelo contrário, me interessa fazer parte dessa construção a partir de uma relação horizontal e sincera.

A arte de voar em bando

Existem tantas espécies de pássaros. Há aqueles que, mesmo com as condições favoráveis, simplesmente não voam, mas que encontraram suas formas de viver em terra e em diversos climas. Ou seja, a natureza se adapta às diferenças. Por que nós, seres humanos pertencentes à natureza, não nos adaptáramos nas nossas diferenças? A arte de voar sozinho está inteiramente ligada à arte de voarmos em bando, a autonomia se constrói no encontro com o outro. É na interação de diferentes indivíduos que se tem a rica troca de experiências distintas, tornando possível perceber as diferentes visões de mundo e as diversas individualidades interagindo (RAMALDES e CAMARGO, 2017, p. 132).

Querido(a) leitor(a), seguindo a lógica da metáfora que construí em torno da árvore, entendo o pássaro em voo como uma *experi(viv)ência*, é o ato mais libertador da metáfora das metáforas.

Os dois termos, vivência e experiência, possuem sentidos próximos em nossa língua, e será necessário se deter um pouco nestes conceitos para desfazer qualquer confusão em relação a ambos, visto que utilizamos o conceito do termo “experiência” como principal norteador deste trabalho. O termo “experiência” é tomado por nós como recorte do termo “vivência”, já que experiência é tratada como vivência em processo de conhecimento (RAMALDES; CAMARGO, 2017, p. 61-62).

Deste modo, na junção dessas palavras, apresento o relato de uma das aulas que dei durante a oficina no EEM, escrita pelos alunos.

03 de junho de 2019, 5º encontro.

O encontro começou com um alongamento. Logo em seguida, cada um recebeu uma folha e a Úlli pediu para que andássemos pela escola observando e anotando sobre o que estávamos vendo, as sensações e os sentimentos que aquilo nos causava. Ficamos fora da sala por 40 minutos e foi nítido que a observação mexeu com todo mundo, até choveu do nada. Quando voltamos, sentamos em círculo para conversarmos sobre como foi a experiência e cada um falou como tinha sido. Começamos a falar sobre a escola e a importância dela e dali surgiram coisas incríveis, do tipo: “aqui é nossa casa”, “somos uma família”. Terminamos a oficina de uma forma diferente, todo mundo se abraçou e foi maravilhoso. Cada abraço foi muito importante e especial, melhorou 1000% do meu dia. Eu fiquei muito emocionada e vai ficar marcado. Gratidão.

“Um abraço é um poema de amor escrito na pele que dissipa todos os medos e leva embora todas as tristezas”

(Relato escrito por Beija-Flor, em 03 de junho de 2019).

No fim deste exercício, recolhi e li todas as anotações e reflexões escritas durante os 40 minutos de observação. Aqui, no 5º encontro, pude perceber o poder que o teatro tem. A sensibilidade que desenvolvemos para olhar o outro – e se olhar também –, tocar o outro; a confiança que estávamos conquistando nesse coletivo. E é curioso escrever em um fluxo de pensamentos: percebemos o quanto nos contradizemos o tempo todo e como as associações são feitas – aparentemente – em uma lógica que só nós mesmos entendemos.

Selecionei alguns trechos que gostaria de partilhar. Uma das coisas que mais me chamou a atenção nas escritas foi a dicotomia de sentimentos em relação à escola. Ao mesmo tempo em que a escola é um lugar de fuga, também é um lugar do qual eles desejam fugir.

O som da natureza, pássaros cantando, o vento, o som que as folhas das árvores fazem, tudo traz conforto. Até o som dos carros e os gritos de alegria, ou tristeza, dos estudantes. Observar como tudo acontece, completamente sozinha, faz com que sejam poucas as memórias ruins, mesmo sendo muitas. [...] Com a chuva mais forte, observo a água que escorre da telha e cai no chão e lembro-me do ensino fundamental onde todo mundo te julgava se você não fosse padrão, época ruim, que me faz pensar no início de tudo, no início das dores.

(Relato escrito por Rouxinol, em 03 de junho de 2019)

As pessoas da EEM ao mesmo tempo em que me remetem lembranças boas de união, me lembram da agonia e do medo. [...]. Cada cor dessa escola, assim como cada espaço daqui, me remete a coisas boas e ruins. Como no banheiro, quando ajudei pessoas chorando, assim como já fui uma delas.

(Relato escrito por Beija-Flor, em 03 de junho de 2019).

Passamos boa parte de nossas vidas na escola, é natural que as memórias sejam boas e ruins, é resultado de muita convivência. O problema é quando não se desenvolve nada de positivo, o que não é o caso, felizmente. Bom, se as árvores são esse lugar seguro – onde passamos tanto tempo, trabalhando também nossas emoções, percepções, sensações –, podemos considerar o voo como ato de liberdade e conquista, aprender a voar é o processo de se apropriar da nossa própria história, é risco, é descoberta, são vivências e experiências, experi(viv)ências. Não que o voo significa o fim, ele é apenas o começo de um novo ciclo, um caminho para novas árvores, é o que nos permite socializar com os mundos.

Pássaros são afetados e afetam cada árvore pela qual passam, uma relação mútua. Por isso, nós, no papel de arte-educadores, professores, devemos sempre considerar a trajetória do aluno até ali. Nascemos num ninho, nosso primeiro vínculo social, nossa grande escola, que é o ambiente familiar. E ao chegarmos em uma instituição de ensino, reproduzimos os comportamentos que vivenciamos em casa. Portanto, é importante que o professor tenha a sensibilidade de ouvir/ perceber se seus alunos, exercitando a pedagogia da escuta, colocando-se como mediador no processo de aprender a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido à partir do conceito de *experiência* discutido por Jorge Larrosa e minha experi(viv)ência enquanto estagiária em Artes Cênicas, em uma escola de ensino médio regular do DF, na Asa Norte. Desenvolvido por uma metáfora em torno das minhas raízes, das árvores que compõe a sociedade e dos seres sociais e dos pássaros em voo. Escrito de uma maneira simples e sincera, minha trajetória, narrada por mim. Eu que escrevo para você que me lê – que de alguma maneira também faz parte dessa escrita. E juntos refletimos à respeito de uma educação transformadora, da arte-educação que possibilita a experiência, e que possibilite o encontro de sujeitos distintos e a interação destes; uma educação que valorize as singularidades e a liberdade.

Passo pelas RAÍZES, onde conto brevemente minha caminhada até chegar em Brasília e na Universidade, uma breve introdução deste trabalho. Sigo por ÁRVORES, refletindo sobre o que é experiência e quem são os sujeitos da experiência, e também sobre educação. Caminho por memórias, ou pela capacidade que temos de memorizar, produzir conhecimentos e aprender. Pelo espaço físico da escola e pelo espaço pedagógico que ganha brilho numa visão micropolítica. Parar, respirar, valorizar o contato do toque e do olhar. E então, pelas escolhas de preposições entre ‘experiência’ e ‘pedagogia teatral’. Por fim, PÁSSAROS EM VOO, um expor do interior, daquilo que atravessa, o meu descobrir e redescobrir professora em cena e na prática. Sobre as singularidades dentro do coletivo e suas diferenças, afinal: “Cada homem é em certos aspectos, como todos os outros homens; como alguns outros homens; como nenhum outro homem” (BRUNER *apud* CAFÉ, 1963, p. 220).

Querido(a) leitor(a), se me permite, gostaria de finalizar com uma última memória:

3 de março de 2016, quinta-feira

Eu, minha mãe, minha irmã, Yasmin, e meu amigo, Humberto, saímos de Goiânia bem cedinho e viemos para Brasília fazer minha matrícula – eu tinha 17 anos, portanto, era necessário que um responsável assinasse por mim -. Antes de entrarmos no Departamento de Artes Cênicas, andamos pelo jardim e nos deparamos com uma grande árvore. Ela olhou para aquela árvore e disse: “Minha filha, seja firme nos seus princípios como as raízes desta árvore”.

(Relato escrito por mim, futuro jequitibá, em 26 de agosto de 2019).

Nunca me esquecerei dessa frase, assim, como espero não me esquecer dos meus princípios e das minhas raízes. A questão mãe (pausa dramática), é que nasci para ser pássaro,

pra voar, ser livre para ir e voltar para meu ninho quando precisar dos teus chamegos. Por mais que doa, de ambos os lados, a minha maior felicidade é saber que foi a senhora quem me ensinou a arte do voo.



Figura 4 - *Forma de V*, registro do último encontro da oficina de teatro na EEM. Brasília - DF, junho de 2019.

Foto: Úlli de Oliveira

Para finalizar, um poema de autor desconhecido para complementar a imagem que tanto fala por si só:

Segura sua mão na minha,
para que juntos possamos fazer aquilo
que eu não quero e não posso fazer sozinho,
sou o que sou e já desfruto disso!

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. História. São Paulo, n.14, 1995, p. 125-136.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. 7 ed. [Trad. Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Para uma realidade complexa, que ensino de artes?**. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virginia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai/ago. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 17.^a edição.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRERES, Helena de Araújo. O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano 13, n. 149, p. 78-86, out. 2013.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: congnição, arte e produção de subjetividade. **Revista Trama Interdisciplinar**, São Paulo, vol. 3, n. 1, p. 23-33, 2012.

_____. Aprendizagem, Arte e Invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Rev. Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, vol. 19, n. 2, p. 04-27, julho/dez. 2011.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. J. Olympio, 1998.

RAMALDES, Karine; CAMARGO, Robson Corrêa de. **Os jogos teatrais de Viola Spolin** (Uma pedagogia da experiência). Goiânia: Kelps, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In. SOUSA, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (orgs.), **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. (p. 23-72).

Sítios

Dicionário Etimológico. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/reflexao/>
(Acessado em 16 de maio de 2019, às 09:41).